

RESENHA

ABREU, Antônio Suárez. **Gramática integral da língua portuguesa: uma visão prática e funcional**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2018, 604 pp.

DOI: 10.18364/rc.v1i59.367

Alexandre José Silva

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, alegramatica@gmail.com

orcid.org/0000-0001-9247-5887

Não seria uma afirmação vazia ou de pouca argumentação, dizermos que no último vintênio temos presenciado uma grande quantidade de (re)publicações de livros denominados gramática. Um rápido levantamento da quantidade de (re)edições dessas obras e corroboraríamos o fato de estarmos vivenciando uma gramatização massiva. Segundo Auroux (1992) dois *instrumentos linguísticos*¹ são fundamentais para que conheçamos a *ideia linguística*² de um povo: o dicionário e a gramática. Esses instrumentos revelam o pensamento linguístico de seus autores e a preocupação deles quanto ao que consideram nevrálgico acerca de um idioma.

No caso da gramática, Auroux afirma que esse instrumento linguístico “*torna-se simultaneamente uma técnica pedagógica de aprendizagem das línguas e um meio de descrevê-las*” (1992, p. 43) e que um livro com essa denominação apresenta uma estrutura recorrente, sendo, por isso, considerada como tal. A saber: um sumário, uma introdução, uma divisão e uma referência a outros autores. Diz, também, que essas gramáticas têm função consultiva ou de prática de ensino da estrutura da língua.

Assim, é muito importante que saibamos que um desses *instrumentos linguísticos* – a gramática – faz parte da história e, amiúde, da nossa história idiomática. Além disso, debruçar-se acerca desses instrumentos ajuda a compreender, sobremaneira, o que hoje entendemos por gramática.

1 No processo de descrição e instrumentalização de uma língua, a gramática e o dicionário são considerados artefatos tecnológicos (=instrumentos) basilares para a própria constituição. A expressão está presente na obra *a revolução tecnológica da gramatização*, de Sylvain Auroux. Obra canônica e fundamental para todos aqueles que se debruçam sobre as questões acerca da gramatização das línguas, saber linguístico, instrumentos tecnológicos e os postulados que regem e orientam os interessados na História das Ideias Linguísticas.

2 Uma ideia linguística é todo saber construído em torno de uma língua, seja como produto de uma reflexão metalinguística seja como atividade metalinguística explícita ou implícita.

Destarte, veio à baila, publicada pela Editora Ateliê, no ano de 2018, a *Gramática integral da língua portuguesa* (doravante, GILP) do autor (e professor) Antônio Suárez Abreu. Podemos, indubitavelmente, afirmar a importância desse mais novo *instrumento linguístico* àqueles que buscam uma consulta rápida a fim de dirimir alguma dúvida pontual ou para aqueles que se debruçam nos estudos do idioma.

Gramática de leitura prazerosa, dinâmica e “*escrita em estilo simples, quase jornalístico, procura levar luz até mesmo a temas tradicionalmente controversos da língua*”, a obra nos faz lembrar de outra gramática do professor Antônio S. Abreu – *Gramática mínima para o domínio da língua padrão* -, uma vez que a GILP é a ampliação dela.

A GILP, segundo o autor, põe “*ênfase na chamada língua padrão do português do Brasil, entendida como o uso idiomático dos grandes escritores do país, com ênfase nos mais modernos e ainda no uso da mídia veicular de prestígio, que engloba os jornais e revistas de maior expressão e obras nas áreas das Ciências, Filosofia, História etc*” (p. 24), o que pode explicar, então, o tom de conversa criado pelo autor na relação que estabelece com o leitor da GILP, fato que se evidencia no exemplo a seguir:

A Crase de que vamos tratar, entretanto, não acontece dentro de uma palavra, mas entre uma palavra e outra dentro de uma frase, quando duas vogais *as* encontram em circunstâncias especiais. Imaginemos, inicialmente, uma frase como:

Fátima deu um presente a o namorado.

À primeira vista, você pode pensar que houve um erro de digitação, deixando a preposição *a* separada do artigo *o* e sugeriria que isso fosse consertado da seguinte maneira:

Fátima deu um grande presente ao namorado.

De fato, você tem razão!

A GILP coaduna aspectos normativos³ da língua à “*descrição gramatical de modo sistêmico, descrevendo os fenômenos gramaticais em contexto de uso, pondo foco tanto na sua funcionalidade quanto na sua motivação cognitiva e cultural*” (p. 23).

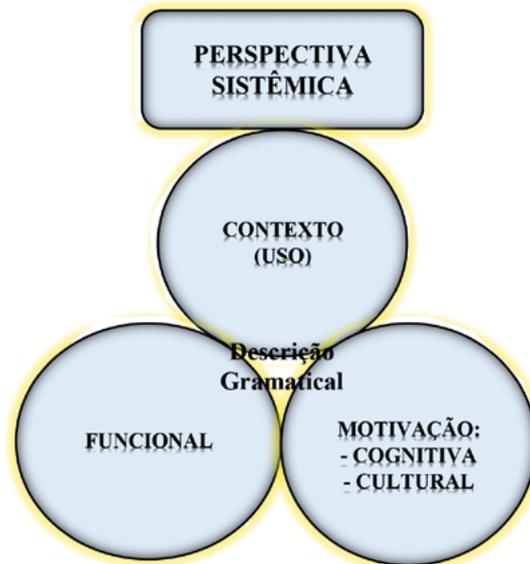
A obra

As 604 páginas estão divididas em oito partes. Na Introdução, o autor aprofunda a explicação de que a descrição gramatical está alinhada aos preceitos da perspectiva sistêmica,

3 O que nos faz retomar as palavras de Amini Boainain Hauy (*Gramática da língua portuguesa padrão*), pois segundo a autora, a normatividade deve ser entendida como “principal fator de unificação linguística e explicitada pela gramática normativa (...) deve ser adotada sobretudo nos códigos escritos, nos documentos oficiais, na linguagem científica, artística e jornalística, enfim, nos mais diversos meios culturais da sociedade” (p. 60)

ou seja, em contexto de representação, comunicação e interação social e, assim, deve ser a abordagem das categorias e subcategorias gramaticais.

O esquema a seguir exemplifica a perspectiva do autor:



Na parte dois – desmembrada em mais três subpartes – encontraremos os estudos a respeito da Fonética e Fonologia, da Ortografia (para o autor, Escrita) e da Crase.

Na sequência, as partes cinco e seis tratam de Morfologia (classes de palavras) e Sintaxe (estudo da oração simples e das orações complexas, ou período composto, na categorização utilizada pelo autor). Por fim, as partes sete e oito indicam as referências bibliográficas e o índice remissivo, respectivamente.

Dentro do modelo Tradição-Inovação, a obra segue a partição estabelecida pela NGB, no entanto, apresenta relevantes e significativos desvendamentos⁴ das propriedades e categorias gramaticais, caracterizando, portanto, construção de conhecimentos novos no campo a que se dispôs estruturar sua obra, no caso, a comunicação, alicerçada nos princípios da linguística funcionalista-cognitivista, uma vez que nesse modelo as funções de representação, comunicação e interação social são fundamentais. Nas palavras do autor,

4 Caso, por exemplo, do subcapítulo dedicado à funcionalidade argumentativa dos numerais. No subcapítulo em questão, o professor Tom faz relação a princípios retóricos (antigos e modernos) que “permitem fundamentar valores e estabelecer hierarquias em um processo argumentativo” (GILP, p. 271). A esses recursos, a denominação usual é *lugares de argumentação*.

em ambas as gramáticas⁵, uso bastante o termo *coesão* para tratar, do ponto de vista funcional, de pronomes e de substantivos abstratos. Na Gramática Integral, *aparecem* conceitos como o de corporificação da linguagem e esquemas de imagem, entre outros. (Questionário⁶ – grifo nosso)

Quanto à questão da tradição – inovação, assevera

Obedeço à sequência dos níveis de análise: fonética / fonologia, morfologia e sintaxe. Poderia ter começado, falando de textualidade e discurso, mas isso deixaria um leitor acostumado à essa sequência tradicional bastante confuso.

[...]

A tradição funciona na medida em que tem utilidade. Um exemplo é a divisão das classes de palavras que nunca mudou. Na Gramática Mínima, utilizei muita coisa não tradicional, como o conceito de iconicidade, por exemplo. (Questionário)

Conceituando gramática

Na conceituação de gramática, veremos *ad amussim*, a filiação do autor à visão defendida ao longo da obra em si, ou seja, fazer com que a tradição gramatical baseada numa perspectiva analítica de análise da língua, seja, agora, superada. Para isso, a GILP propõe trabalhar “*a descrição gramatical de modo sistêmico, descrevendo os fenômenos gramaticais em contexto de uso, pondo foco tanto na sua funcionalidade quanto na sua motivação cognitiva e cultural*” (pp. 23, 24). Isso não invalida o fato de que a inovação promulgada pelo autor renegue a força da tradição, afinal, o exemplário, por exemplo, segue estrutura comum às gramáticas que fizeram e fazem parte da nossa história idiomática. Nas palavras do autor, ratifica-se o valor da tradição:

Nessa tarefa, procurei pôr ênfase na chamada língua padrão do português do Brasil, entendida como o uso idiomático dos grandes escritores do país, com ênfase nos mais modernos e ainda no uso da mídia veicular de prestígio, que engloba os jornais e revistas de maior expressão e obras atuais nas áreas das Ciências, Filosofia, História etc (p. 24)

A definição de gramática deixa entrever, então, que as conceituações das categorias e subcategorias gramaticais farão jus à atitude científica de análise, o que é um outro ponto positivo da obra, já que notamos a uniformização de conceitos numa atitude, efetivamente, científica.

5 O autor faz referência à **Gramática Mínima para o Domínio da Língua Padrão** – obra por ele elaborada e vinda a público no ano de 2003 pela Ateliê Editorial. Vale ressaltar que a **GILP** é versão ampliada da Gramática Mínima.

6 Em conversa pessoal, realizada em meados de junho de 2016, na residência do professor Antônio Suárez Abreu (ou, como gosta e é conhecido, professor TOM), obtive respostas a um questionário elaborado por mim acerca da obra gramatical por ele publicada e denominada **Gramática Mínima para o Domínio da Língua Padrão** e, à época, a respeito da Gramática Integral.

A tríade gramatical

Adentrando na famosa tríade gramatical – Fonética, Morfologia e Sintaxe –, encontraremos no capítulo dedicado à *Fonética/Fonologia* os estudos vinculados àquilo que se tornou recorrente nas gramáticas publicadas na esteira da tradição, considerando a palavra sob o aspecto sonoro, ou seja, a descrição dos sons na observação dos seguintes itens: produção, classificação e agrupamento dos fonemas; pronúncia (ortoépia ou ortoepia) e a acentuação (prosódia).

Para além disso, os estudos ligados à ortografia – capítulo intitulado “A Escrita” – recebem, antes da tradicional perspectiva do uso/emprego das letras, palavras e do hífen, um sucinto e interessante preâmbulo acerca da história da escrita e da ortografia, comentando, inclusive, as questões envolvendo os Acordos Ortográficos pelos quais o idioma passou.

Novamente, vale ressaltar a preocupação do autor em textualizar tais informações num estilo simples e objetivo – “*O primeiro passo para dominar a ortografia de uma língua é a alfabetização (...) Mas, somente isso não basta. O exercício constante da leitura e da escrita levará o aprendiz a fixar, ‘pelo olho’, a grafia das palavras mais frequentes. Quem lê e escreve bastante acaba educando-se ortograficamente*” (p. 73) - sem abandonar, entretanto, a metalinguagem técnica – “*uma orientação prática a ser seguida é o usuário procurar familiarizar-se com o conjunto de palavras mais frequentes no exercício de sua atividade, chamado de léxico de situação*” (p. 73).

Quanto à *Morfologia*, as quase 310 páginas perpassam a estrutura e a formação das palavras e englobam as tradicionais classes gramaticais estipuladas pela NGB. Todavia, no estudo realizado pelo autor acerca das classes gramaticais, muitas são as novidades relacionadas à perspectiva sistêmica adotada para a elaboração da gramática, visto que a preocupação do autor é trabalhar a obra gramatical dentro de uma linha funcionalista, procurando, na descrição de fenômenos gramaticais, pôr foco no campo da comunicação;

Assim, metatermos como *coesão* (p. 155) – quando trata, do ponto de vista funcional, de substantivos abstratos e pronomes, por exemplo – *iconicidade* (p. 158); além de conceitos como o de *corporificação da linguagem e esquemas de imagem* são recorrentes.

No geral, o estudo das classes empreendido pelo autor é de grande valia não apenas para especialistas, mas, principalmente, para o leitor comum, que ganha cientificidade por meio de explicações claras, simples e muito ricas, afinal, são muitas questões gramaticais elucidadas de maneira fácil (casos, por exemplo, da pluralização das categorias nominais, da relação de concordância envolvendo os numerais, dos advérbios na constituição da oração, entre outros). Destaque, sempre, para as listas existentes, os exemplários e os comentários que subjazem todas as classes, revelando muito esmero do autor em relação ao leitor de sua GILP.

Em relação à *Sintaxe*, nas 182 páginas do capítulo, teremos um estudo acurado a respeito dos aspectos da sintaxe, a começar pela forma de abordagem do assunto, uma vez que a perspectiva

funcional-cognitiva é a tônica do capítulo. Assim, as análises das categorias (oração simples e complexa) e subcategorias serão feitas de maneira com que o leitor entenda e compreenda que a “*análise sintática é um método utilizado para descrever as funções que as palavras desempenham dentro das orações e o significado que elas assumem quando exercem essas funções. Envolve, portanto, dois tipos de operação: a) detectar relações e b) interpretar sentidos*” (p. 421).

Ao longo do capítulo, os itens a e b, citados acima, serão o alicerce de análise das estruturas envolvendo a sintaxe. Todavia, dada a inovação teórica que sedimenta a **GILP**, alguns conceitos, talvez, causem certo estranhamento (e, conseqüentemente, dificuldade) ao leitor não especializado, caso, por exemplo, das análises oracionais na base das “*operações de topicalização e clivagem*” (p. 462).

De qualquer modo, (neo)metalinguagem não é sinônimo de empecilho. Ao contrário, a forma simples com que o autor trata os assuntos e o didatismo com que os explica fazem da **GILP** uma obra de fácil leitura. Ainda em relação à oração, encontraremos, coadunada à terminologia usada pela Linguística, metalinguagem há muito usada pelas gramáticas (até mesmo em gramáticas que discursam a favor de uma metalinguagem nova): Sujeito e seus tipos; Predicação e seus tipos; Adjuntos; Complementos; Aposto; Vocativo; Agente da passiva.

Um fato curioso nesse ponto da obra e nesse assunto em questão é a quantidade grande de exemplos muito bem apresentados para cada tópico gramatical explorado. Quanto ao estudo do período (simples e composto), encontraremos as tradicionais divisões: período composto por coordenação e/ou por subordinação e suas categorias. Há um aprofundamento no estudo da Subordinação em comparação ao da Coordenação, o que é esperado, já que há um número maior de categorias: Subordinação Substantiva; Subordinação Adjetiva; Subordinação Adverbial.

Um outro ponto também curioso, diz respeito às orações subordinadas adverbiais. Isso pelo fato de, nesse ponto, o autor se distanciar das categorias elencadas pela NGB.

Vejamos:

GILP	NGB
Subordinada adverbial causal	Subordinada adverbial causal
Subordinada adverbial comparativa	Subordinada adverbial comparativa
Subordinada adverbial concessiva	Subordinada adverbial concessiva
Subordinada adverbial condicional	Subordinada adverbial condicional
Subordinada adverbial conformativa	Subordinada adverbial conformativa
Subordinada adverbial consecutiva	Subordinada adverbial consecutiva
Subordinada adverbial final	Subordinada adverbial final
Subordinada adverbial proporcional	Subordinada adverbial proporcional
Subordinada adverbial temporal	Subordinada adverbial temporal
Subordinada adverbial locativa	
Subordinada adverbial modal	

Poderíamos, a partir do quadro anterior, dizer que simplificação ficou com a tão criticada NGB, afinal, na GILP, as subcategorizações a respeito da categoria subordinativa adverbial não trazem somente a tradição em seu cerne.

Ao indicar a existência de categorias subordinativas adverbiais não presentes no documento oficial e não comum em outras gramáticas, o autor ratifica a relação tradição-inovação na produção do *instrumento linguístico*.

Destarte, as explicações e o exemplário objetivam confirmar a teoria sistêmica utilizada na construção discursiva da obra, tendo como escopo a contribuição da linguística cognitiva na explanação que faz das onze subcategorias ligadas à oração de base adverbial.

Em relação à categoria das subordinadas adjetivas, temos as explicações já conhecidas sobre estruturas restritivas e explicativas. Fato interessante é a atenção que o autor dá para o que ela denomina de **Orações adjetivas complexas**, ou seja, “*aquelas que contêm outra oração dentro delas*” (p. 480). Exemplos:

- As frutas [que [eu disse que] você deveria comprar] baixaram de preço;
- O governo tomou as medidas [que [já se sabia que] seriam inúteis].

Vale destacar, ainda, o fato de que a inovação na elaboração de um *instrumento linguístico* implica novidade na estrutura e na disposição dos assuntos e, por isso, quanto à apresentação das orações reduzidas, a **GILP** desenvolve o assunto em conjunto ao estudo das categorias oracionais.

Logo, diferentemente de outras obras gramaticais que trazem o assunto *Orações Reduzidas* como um capítulo independente e posterior ao estudo das orações coordenadas e/ou subordinadas, o autor age de maneira totalmente oposta. Parabéns ao autor, já que, para o consulente, a visão de conjunto dos assuntos passa a ser um facilitador.

A GILP, do professor Antônio Suárez Abreu Abreu (professor Tom), passa a ser obra fundamental e de referência para todos aqueles que buscam dirimir dúvidas gramaticais pontuais ou aprofundar seus estudos em língua portuguesa padrão. Figurará, certamente, entre outras grandes obras gramaticais e o autor passará a fazer parte do cabedal de grandes autores gramaticais do país. Reiterando: obra basilar para a nossa história gramatical.

Referências

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. 2. ed. Campinas: 1992.

HAUY, Amini Boainain. **Gramática da língua portuguesa padrão**: com comentários e exemplários, redigida conforme o Novo Acordo Ortográfico. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SILVA, Alexandre J. **Resenha:** Gramática da língua portuguesa padrão: com comentários e exemplários, redigida conforme o Novo Acordo Ortográfico. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014, 1344 pp. Revista Confluência, n. 54, pp. 311 - 320, 2018.